

Bônus Ecológicos em Xeque

KENDALL, Joshua. "Bônus Ecológicos em Xeque". Valor Econômico. São Paulo, 01 de agosto de 2019.

Imagine emprestar dinheiro para uma companhia investir em projetos ecológicos - e ela usa os recursos para pagar alguma dívida. Esse dinheiro não tem um impacto ambiental perceptível e não há nada que você possa fazer, pois está tudo no contrato.

Os investidores enfrentam esse risco hoje em dia. O mercado de bônus ecológicos cresce mais rapidamente do que nunca e empresas e governos já tomaram emprestados mais de US\$ 100 bilhões neste ano.

Esse financiamento é necessário para o mundo seguir em direção a uma economia de baixas emissões de carbono. No entanto, uma falta de padrões estabelecidos, divulgação fragmentada e comprometimento fraco causam dúvidas significativas para aqueles que buscam investir visando mais do que apenas o retorno financeiro.

Somente um terço dos bônus ecológicos emitidos nos últimos três anos atenderam nossos critérios de três estágios para emissões sustentáveis. Isso nos leva a questionar o rótulo "bônus ecológico" [ou "verde"] e em termos gerais isso poderá enfraquecer a credibilidade dos fundos dedicados a bônus ecológicos.

Nossas análises deram sinal vermelho para mais de uma dezenas de bônus ecológicos em 2019, o que significa que não vamos adicioná-los a mandatos voltados para a sustentabilidade.

Há muitos exemplos de bônus ecológicos com deficiências significativas.

O setor imobiliário é responsável por quase 40% das emissões globais de carbono, segundo a Agência Internacional de Energia (AIE). Os investimentos ecológicos poderiam ajudar a reduzir isso, mas os bônus verdes de várias companhias imobiliárias não vêm atendendo nossos critérios mínimos, com detalhamento fraco sobre como os recursos obtidos com os bônus serão usados e a economia de energia esperada.

Em alguns casos, os recursos podem cobrir pagamentos de outros bônus sem características ecológicas - o que significa que os recursos obtidos com os bônus verdes não levarão a nenhuma redução das emissões de carbono.

Separadamente, empresas de serviços públicos dos Estados Unidos vêm emitindo bônus ecológicos com o potencial de financiar acordos de compra de energia. Isso, na verdade, subsidia a energia renovável para os consumidores ao se adquirir essa energia de outros fornecedores, em vez de contribuir diretamente para a geração de mais energia renovável. Por outro lado, empresas de serviços públicos da Europa usam os recursos das emissões de bônus ecológicos para construir parques eólicos e de energia solar. Um resultado mais palpável.

Em todos os setores a falta de informações suficientes é um problema. Relatórios que detalham como os recursos são de fato usados são uma raridade, quando isso

deveria ser uma exigência mínima. Sem medidas claras e comparáveis, é difícil avaliar o impacto das posições em bônus ecológicos.

Felizmente, há muitas informações excelentes. Um acontecimento positivo tem sido a emissão por parte de setores alternativos. Empresas de telecomunicações emitiram dívida ecológica este ano. No entanto, embora os recursos devam ser usados para melhorar a eficiência energética, como a melhoria do cabeamento de cobre com fibra de carbono, mesmo assim o dinheiro precisa ser gasto. É importante para os investidores avaliar os benefícios suplementares para o meio ambiente em relação aos gastos.

As emissões soberanas de bônus ecológicos geralmente são melhores. O bônus verde recentemente emitido pela Holanda apresentou uma estrutura clara com compromissos ambiciosos com as energias renováveis, a eficiência energética e a gestão hídrica. Ela almeja usar os recursos para ajudar a reduzir suas emissões líquidas de carbono à metade até 2030. A operação é transparente sobre como os recursos serão investidos e avaliados.

Outro exemplo é a Polônia, que emitiu seu terceiro bônus ecológico em 2019. Essa emissão destaca um problema em particular: alguns emissores estão oferecendo bônus verdes voltados para projetos específicos, mas sem uma meta ambiental estratégica clara de longo prazo. Embora os recursos dos bônus verdes da Polônia estejam sendo alocados de maneira positiva, em termos gerais o país continua dependendo muito do carvão e os recursos obtidos com os bônus não estão sendo usados para resolver essa dependência.

O padrão ouro das emissões ecológicas é um bônus que também contribui para uma estratégia de sustentabilidade ampla e de longo prazo.

Ainda estamos longe disso, e é por isso que acontecimentos recentes - como o padrão para bônus ecológicos da Comissão Europeia e a estratégia financeira ecológica do Reino Unido - são importantes para o desenvolvimento e credibilidade do mercado, elevando os padrões para as emissões de bônus verdes. Eles proporcionarão transparência e clareza e levarão a um maior crescimento.

Por exemplo, acreditamos que o Reino Unido deveria considerar a emissão de "gilts" ecológicos para financiar aperfeiçoamentos na eficiência energética, no transporte público e em fontes de energias limpas, e essas iniciativas ajudarão a fornecer modelos claros para essas emissões.

Isso também explica por que alguns gestores de ativos decidiram avaliar as credenciais de sustentabilidade dos bônus ecológicos e sociais. Os investidores em estratégias voltadas para a sustentabilidade esperam que seus gerentes de portfólio pensem de maneira independente e analisem as carteiras em relação aos seus objetivos, assim como fariam com as características financeiras.

Mesmo que novos padrões para a emissão de bônus ecológicos sejam amplamente aceitos, as características únicas das emissões verdes e seu papel dentro de uma estratégia mais ampla do emissor significam que essas análises terão de desempenhar um papel maior. Caso contrário, persistirá a tentação de se emitir bônus que são ecológicos apenas no nome. Os emissores precisam intensificar sua abordagem, mas os gestores de ativos também têm responsabilidade em assegurar que os portfólios de bônus ecológicos que eles apresentam aos clientes são de fato ecológicos. (Tradução de Mário Zamarian)

Joshua Kendall é analista sênior Ambiental, Social e de Governança da Insight Investment. Copyright The Financial Times